



PORTUGAL

NA GUERRA



1917

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Director : AUGUSTO PINA

COLLABORAÇÃO LITTERARIA
de
ESCRITORES
PORTUGUEZES
E ESTRANGEIROS

ILLUSTRADA

com documentos photographicos
do SERVIÇO ESPECIAL
junto do

**Corpo Expedicionario
Portuguez em França**

e com a collaboração dos melhores
artistas portuguezes e estrangeiros

REDACÇÃO :

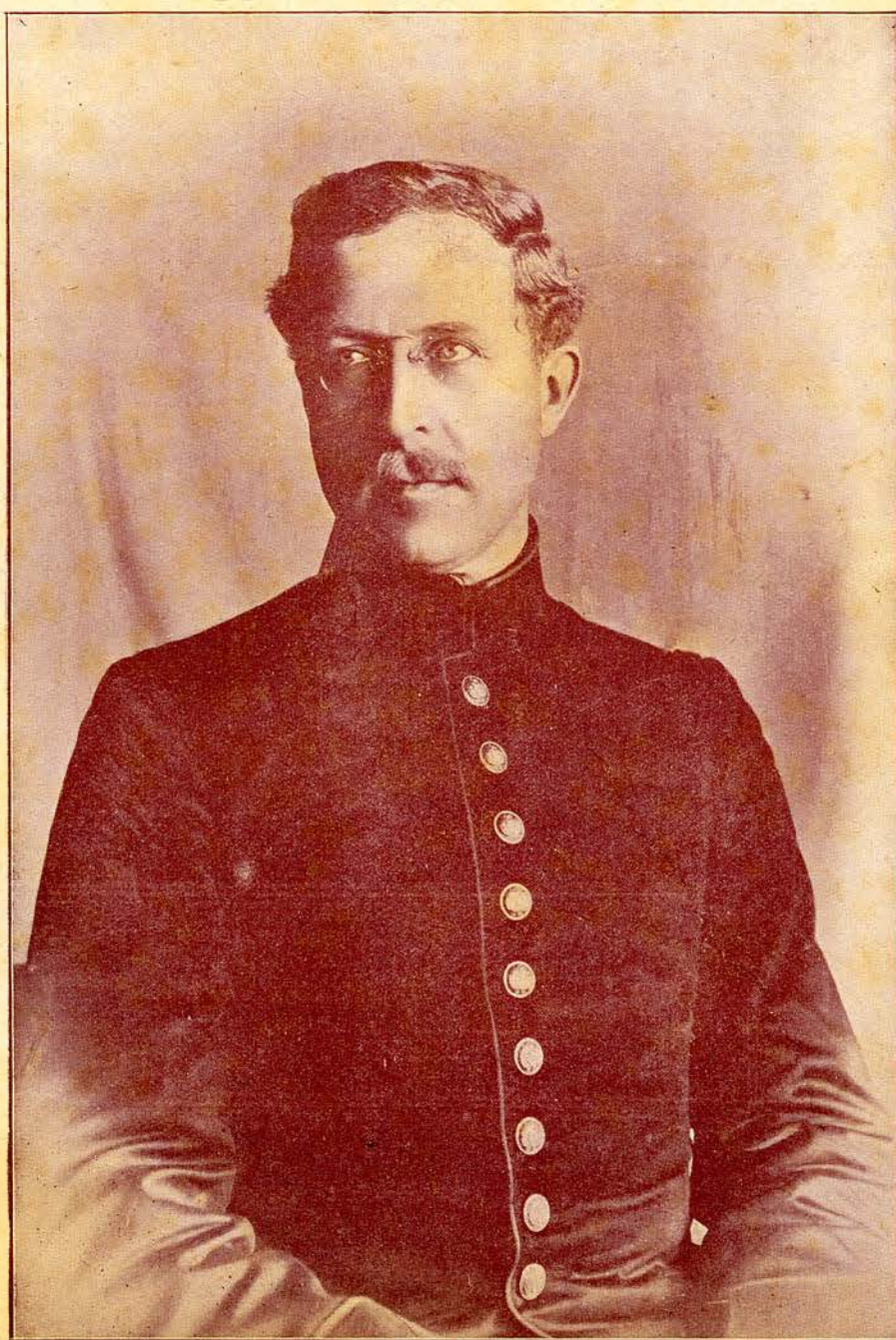
3, Rue de Villejust — PARIS

Agente Geral em Portugal

VICTOR MELLO

Rue Ivens 56 — 2º

:: LISBOA ::



Numero avulso : 30 centavos

Prix du Numéro : 1 franc



S. M. ALBERTO 1º

Rei da Belgica

PORTUGAL na GUERRA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

:: DIRECTOR : AUGUSTO PINA ::

Secretario de Redacção : JOSÉ de FREITAS BRAGANÇA

:: Redacção : 3, Rue de Villejust - PARIS ::

COLLABORAÇÃO LITTERARIA
DOS MAIS NOTAVEIS ESCRIP-
TORES PORTUGUEZES E

— ESTRANGEIROS —

CARTAS DAS PRINCIPAES

— CAPITAES DO MUNDO —

COLLABORAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIORES ARTISTAS

— PORTUGUEZES —

SERVIÇO PHOTOGRAPHICO
ESPECIAL JUNTO DAS
TROPAS PORTUGUEZAS
EM FRANÇA A CARGO DE

— ARNALDO GARCEZ —

CORRESPONDENTE PHOTO-
GRAPHICO EM PORTUGAL:

— ALBERTO LIMA —

ASSIGNATURAS PORTUGAL

Um anno (24 numeros) 6 \$ 30

Seis mezes (12 —) 3 \$ 30

Trez mezes (6 —) 1 \$ 80

NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

♦ ♦ ♦

ABONNEMENTS FRANCE

Un an (24 numeros) 21 fr.

Six mois (12 —) 11 fr.

Trois mois (6 —) 6 fr.

PRIX DU NUMÉRO : 1 FRANC

♦ ♦ ♦

*Todos os pedidos d'assignatura para
Portugal devem ser dirigidos á*

Agencia geral em Portugal

VICTOR MELLO

Rua Ivens, 56 - 2º - LISBOA

♦ ♦ ♦

Agencia para o Brazil

Casa A. MOURA

114, Rua da Quitanda

RIO DE JANEIRO

♦ ♦ ♦

PREÇO DA ASSIGNATURA

Um anno (24 numeros) 30 \$ 000

Seis mezes (12 —) 16 \$ 000

NUMERO AVULSO 1 \$ 500



PORTUGAL

NA GUERRA

1917

Nº 4

1 de Outubro de 1917

Anno 1º

Director : AUGUSTO PINA

SUA Magestade Alberto I, o terceiro rei da Belgica, Filho do Conde de Flandres e duma princeza de Hohenzollern, e neto de Leopoldo de Saxe-Coburgo e da princeza Maria Luiza d'Orléans, succedeu a seu tio Leopoldo II. Numa entrevista que teve com Guilherme II, em que este procurara intimidá-lo, terminando por dizer-lhe : « Que um dia viria em que elle teria de se lembrar de que era um Coburgo », redarguiu : « Mas tambem sou um Orléans » e acrescentou logo :

— Do que nunca me esquecerei é de que sou antes de tudo belga.

A Belgica, fundada por seu avô Leopoldo I, apos a revolução de 1830, fora declarada « neutra » e como tal reconhecida pelas potencias europeias, pelo tratado de 1853. Leopold II manteve o melhor que poudé essa neutralidade, que a Allemanha estava de ha muito disposta a violar.

Coube ao Rei Alberto, o rei soldado, o pesado encargo de realizar escrupulosamente essa neutralidade.

Intimado brutalmente a rompê-la pela maior potencia militar, o rei Alberto, que começava apenas a organizar o seu exercito, não hesita e sahe de Bruxellas para se collocar á frente dos soldados belgas.

Um povo que defende pelas armas a sua neutralidade não deixa de ser neutro.

O rei Alberto ganhou sobre a infamia allemã uma nobre victoria do Direito, tanto mais gloriosa quanto mais difficil.



S. M. ALBERTO Iº

Rei da Belgica

AS PATRIAS

□ □ □

Ha idéas que, por mais que se queira mettê-las dentro de factos, gastando-se com isso seculos, esforços que teriam chegado para escalar o céu e desltronar Jupiter, e toda a paciencia de um beneditino que antes de se fazer frade houvesse sido casado duas vezes e enganado por ambas as mulheres, teimam em não ser outra coisa senão idéas, vagueiam impalpavelmente de cerebro em cerebro, e frustrando tudo quanto pareça tentativa de as tornar realisaveis, assim vam vencendo a eternidade e moquejando d'ella.

Uma d'essas idéas é a de que as patrias hão-de desaparecer algum dia, para que seja possivel aos homens um melhor entendimento sobre a terra, e á sociedade uma melhor interpretação dos seus destinos.

Sempre eu disse que não. Disse-o primeiro por instincto, por convicção espontanea, talvez melhor — por palpite. Disse-o com o ardor com que estas coisas se dizem quando se tem vinte annos — na botica do Mourato, á Praça Velha, na Ilha. Debatia-se por esse tempo um projecto de lei que daria a autonomia ao meu Archipelago, com abundantes sessões solemnes nos clubs e sédes de filarmonicas, *marches aux flambeaux*, arcos de buxo, hortensias e girasões nas ruas por onde tinha de passar, no dia do desembarque, á volta dos trabalhos parlamentares, entre girandolas e as janellas cheias de senhoras, o deputado que apresentava e sustentava o caso nas Côrtes.

O Major Moraes de Caçadores 10, que apartava a grande pêra ao meio, a mandava para os lados a juntar-se com a formidavel bigodeira, e retorcia depois tudo aquillo junto, tossindo fragorosamente como um estentor encatarrhoado; o Conego Agostinho, que tinha o logar marcado na parede da farmacia com a alastrada nodoa das gorduras do costado; o Doutor Costa Cernadas, iovem delegado do Ministerio Publico; e um Pêgo, recebedor, de quem se dizia que já tinha estado preso no Limoeiro por causa de um desfalque e lia Karl Marx, todos do Continente, eram oppostos á autonomia. Eu e os do meu bando, todo ilhéos, defendiamo-la com unhas e dentes. Uns e outros eramos, afinal, portuguezes todos, com o mesmo milagre de Ourique a fundarnos a nacionalidade, o mesmo Camões a cantar-nos as glórias, o mesmo Codigo Civil a regrar-nos a existencia, a mesma padroeira Senhora da Conceição para as afflições e o mesmo himno da Carta para os regosijos: mas entre nós e o Continente, cavava-se o mar, e ainda que no seu immenso abismo cheio de misterios não existisse para nós esse misterio insondavel que separa, por uma linha imaginaria de fronteira, paizes que se tocam, e que sem outra interrupção vam prolongando indefinidamente a terra firme, encadeando montanhas, seguindo o curso dos rios, desdobrando os desertos, lá se continha de algum modo, persistente e gratamente inexplicavel, o segredo da patria, de uma patria que nós, portuguezes dentro de Portugal, queriamos ainda mais limitada, mais apertada, mais restricta.

Depois (com que supremo mas longínquo desdem por submarinos e minas fluctuantes isto hoje se diz) viajei! corri mundo! e se não me arrisquei até aos amagos da terra habitada onde ainda existem tribus gulosas de *foie-gras* de missionario, conheci, na terra culta, o animo humano em alguns dos seus mais intensos lapsos de civilisação. Em plena Europa vi irmãos meus em Mahomet sem nariz nem orelhas, por lhas haverem cortado, para *porte-bonheur* que traziam na algibeira, outros irmãos meus em Christo. E de cada vez que me era possivel regressar, tornar a sentir o pé em piso de solo pátrio, encostar-me de novo á minha esquina, a vêr passar a procissão da Saude, gente para os toiros, enterros e sól-e-dós, mais ia compenetrando-me da necessidade duma patria como dum imprescindivel e insupprivel refugio.

Não confundamos questão de patrias com questão de raças. O portuguez, de resto, nunca estabeleceu semelhante confusão. Na raça, elle viu sempre e acceitou sempre de bom grado o feno-

meno da plasticidade e da mobilidade; na patria, porém, nunca elle admitiu senão a inflexibilidade, a rijeza, a condição de tudo aquillo que, por não ser de quebrar nem de torcer, vulgarmente chamamos pederneira. Assim é que, tendo-nos sido a mistura de raças uma distracção historica que nos enche o passado de bastardinhos com caracões louros e de muitos encarapinhados, jamais consentimos em ceder os *Lusidas* para servirem de epopéa a outros que nunca cantaram o fado, nem foram á India senão depois de nós lhes termos dito por onde era o caminho para lá.

No tempo em que se viajava por viajar, quando se não fôsse Pierpont-Morgan, e se não tivesse hiate de recreio, nem vagon de conta propria a atrelar ao primeiro expresso que passasse, tomar um *carner* circulatorio de Th. Cook and Son e fazê-lo encher pelas agencias de paquetes e revisores de caminhos de ferro de muitos buraquinhos redondos, até que d'elle já não restasse senão um grande buraco, era o meio facil de supprir o que só do muito, longo e porfiado compulsar dos famosos roteiros, relatos de peregrinações, e odisséas, resulta de esclarecimento e gôso de elucidacão ácerca dos povos e das paragens as mais varias.

Oh! a grata coisa que era metter no bolso um d'esses talismans de preço modico, abotoar até abaixo o guarda-pó de ganga, conchegar o boné de xadrez e partir! Partir com o bilhete de volta, e voltar — voltar — é certo, derreado por mil transbordos, escanzelado por incontaveis estafas, chocalhado por burros do Tirol, enjoado por camêlos do Cairo, joeirados por palanquins do Ceilão, com o pescoço inteiriçado pelo torticolis dos museus, com o ventre destempêrado pelo mólho dos hoteis onde as gorjetas eram incluídas no custo do bilhete, com todos os frascos dos saes de fructos vastos, com todos os amargos do Crédo na bôcca em summa, mas voltar vivo, o que já hoje não é certeza que se tenha ao embarcar para o Cirio da Atalaia sem as costas guardadas pelo nosso muito presado Leotte do Rêgo!

Nessas viajens, por terra e mar e em balão captivo, já o convivio das raças, com as amaveis promessas das suas misturas, se travava nos compartimentos dos comboios e nos tombadilhos dos paquetes. Ahi o portuguez entrava de animada conversa, com a sua vizinha de compartimento ou de cabine naquella facil e franca abordagem de assumptos que o caracteriza na loquella dos trajectos em companhia, embora companhia que elle nunca tivésse visto mais gorda (tratando-se naturalmente de hespanhólas se a viagem começava por terra) nem mais magra (tratando-se de inglêsas se se partia pelo mar). Viajando só, logo a contar d'ahi, essa sua vizinha poderia considerar-se acompanhada pelo mais venturoso e resolutos dos homens. Viajando com o marido, logo o portuguez se sentia o mais feliz dos tres. E se a força do destino queria que os dois ou tres levassem o mesmo proposito e itinerario de viagem, era coisa assente que, á volta, ou havia matrimonio, como nos ultimos actos do Gimnasio; ou divorcio, como nos cartorios da Boa-Hora desde que existe a lei de familia; ou desfãro, como nos casos em que ella tinha artes de resolver o marido a fixar residencia em Lisboa, absolutamente convencidos ambos, depois de terem dado a volta ao mundo, de não haver ponto da terra nem mais aprazivel, nem mais hospitaleiro, nem mais barato. Opinião esta em que o portuguez, bem calculado e bem viajado, abundava. Assim elle, de uma cajadada, resolvia as duas questões: a da raça, promovendo-lhe o apuramento por sympathicas assimilações e modificações dos symptomas anatomicos; a da patria, regressando a ella á maneira antiga, com o proveito e troféos das suas novas conquistas.

A eugenica, que tem tido varios nomes, nunca teve outros processos. A invasão ou a alliança, a conquista ou a *entente* foram sempre os seus grandes e unicos meios. Certo, muito tem querido a sciencia, e do muito que tem querido muito já tem conseguido nesse campo de audacia onde a innovação do homem sobre as leis da natureza chega, senão a exitos tão defi-

nitivos como seria para desejar, a resultados todavia surpreendentes. Que outra coisa é senão um d'esses resultados, este obtido pela moderna sciencia politica actuando nos dominios da fisiologia e da psychologia simultaneamente, e cuja verificação está tendo, quasi se pode dizer, quotidiana : no meio de um comicio, Lloyd George discursa ; e as suas precisões numericas — tantos billões de libras por mez, tantos navios no fundo por semana, tantos aviões em frangalhos por dia, tantos kilometros de avanço ou de recuo por hora, tantos tiros de grosso canhão por segundo (*hilaridade*) — encham de alegria alguns milhões de barrigas vasias? Isto já não é só a submissão do velho fenomeno natural ao hodierno poderio scientifico : é o esboroar com fracasso da propria Sabedoria das Nações, a desconcertante aniquilação do valor dos proverbios e da inoffensiva e conceituosa graça dos annexins, ou, por outras palavras, o terrivel annuncio do fim de um mundo onde até agora se tinha vivido na illusão de que as coisas eram o que eram.

Mas o aperfeiçoamento das raças, a menos que no novo mundo que ha de succeder a este não venham as coisas a passarse de diverso modo, do que Deus nos livre, será sempre uma resultante d'estas amaveis aproximações em que o portuguez, já por condição ethnica, já por attributos e quindins individuaes, se tem mostrado em todas as edades, desde a de Cupido, tão pequeno e tão bregeiro, á Edade Media e outras edades mais respeitaveis, aquillo a que nós, com tanta propriedade, costumamos chamar — um barra!

Senão veja-se como elle, vindo do *Homo mediterraneus* por ahi abaixo, a estoirar vergas e cordões umbilicaes ora de mamãs ligures, ora de mamãs indo-germanicas ; ora chamando pae a um fenicio ora a um cartaginez, ora a um romano; reloiçando depois com as filhas dos vandalos, dos álanos, dos suevos e visigodos que se succederam em hordas invasoras; mettendo-se com moiras e voltando mais tarde das descobertas e conquistas com as náus atulhadas de próles mestiças, poude chegar a este apuramento de raça que, modestia á parte, tão galhardamente o irmana, em privilegios craneanos, avaliações de angulo facial, dons da lingua, ao que ha de melhor entre as gentes que beberam, com o leite da loba de Romulo, a supremacia latina.

Sim, não ha duvida. A sciencia que arranca um órgão a um paciente para o enxertar em outro, e o faz com a segurança de que esse órgão continuará a funcionar no individuo que o recebe como d'antes funcionava no individuo que d'elle foi despojado, é por certo uma ousada e admiravel sciencia. Dizemos hoje um órgão, pode-se já mesmo dizer vários órgãos, e muito possivelmente se dirá amanha : todos os órgãos. O mau, para aquelles a quem os arrancam, ou o bom, para aquelles a quem os adaptam, foi o começar-se. As possibilidades da sciencia vam por ahi fóra e não param. Por outro lado, os tempos dispõem-nos á conformidade com coisas que a principio nos repugnavam de cima a baixo. Qual de nós se obstinaria hoje em não querer fungar pelo nariz de um mongol, se fôsse forçoso cortarem-nos

o nosso e não houvesse outro para pôr no lugar d'elle senão o d'esse mongol? Subsistem, porém, casos em que a necessidade de substituição de um órgão fundamentalmente nos repugna, já porque só o concebê-la se apresenta como um ultraje sem nome á natureza, que parece ter posto todas as coisas no seu devido lugar, já porque só o tentar a sua realização, mesmo num caso desesperado, seria pôr-nos paredes meias com Rilhafoles. Consentiria alguém a quem fôsse preciso cortar a lingua que no lugar d'ella lhe cosessem uma lingua de vitella? Nem falemos sequer nas possiveis consequencias do consentimento. Ninguem estaria por isso.

Respondo, claro é, pelo portuguez. A idéa de que estas ousadias da sciencia possam tornar-se um dia extensivas do caso isolado do individuo ao caso complexo das raças, não nos quadra. Neste ponto, todo o nosso ser, indignado, romonta a Adão, ao velho Pae Adão, e assume, como elle, todas as responsabilidades e fatalidades do peccado original.

Quanto ás patrias, do muito que temos andado por as dos outros, e do que d'ellas temos visto e aprendido, tirámos a convicção de que a nossa é ainda a melhor de todas. Isto mesmo pensará e dirá o esquimó a quem fôsse possivel deslocar da sua zona glacial, trazê-lo até ao centro da terra e mostrar-lhe tudo o que ella contém de maravilha e conforto.

Sessenta mil portuguezes de braço ás armas feito, aguerrida hoste de sãos e escorreitos, « tropa fresca » como dizem os communicados da frente das batalhas, atiram-se hoje ao perigo, levando na guelra o sangue em que persistem e giram os mesmos globulos d'aquelle que correu nas veias dos que se bateram no Salado e dos que foram a donairoza e doidivanas Ala dos Namorados. O avanço dos exercitos que esses nossos engrossam vae-se dando sempre num sentido que de mais em mais os afasta da querida terra portuguesa. São distancias enormes a galgar e que se vam galgando. Olhado aquillo num mappa é uma angustia. Os dias correm, os mezes passam, contam-se os annos, e a investida segue. E cada vez Portugal mais longe! Mas ponhamos o ouvido sobre o coração dos nossos : no dos que avançam, é a repercussão do ruido forte do tambôr que reune, condensa, inteiriça e impelle as arrancadas ; no dos que morrem, é o dôce murmurio do cair da noite na paz infinda das serras, quando já a sombra amenisa o córte rude dos pendores fragosos, a enxada se levantou da terra, o rebanho se aggrega e encaminha ao curral, compassadamente, tres vezes, um sinozinho toca, e algum pouco fumo sobe, na quieta atmosfera, do lar onde começa ardendo o lume da ceia. Nuns é a patria que rufa, noutros a patria que soluça : em todos elles a patria insufflando-lhes o ousio, tornando-lhes indômito o arremesso, e ao mesmo tempo alentando-lhes, com esse fundo de ingenuidade e bonhomia confiante de que não nos apartamos, o enternecimento sem o qual nem os maiores feitos attingem o esplendor que não se apaga, nem o morrer com gloria sabe bem.

ALFREDO DE MESQUITA.



O REI ALBERTO VISITANDO A FRENTE DE VERDUN

O Defensor de Liège



O General LEMAN

O nome do general Leman ha-de ficar para sempre gravado nos annaes da historia, junto ao da heroica Liege cujas defezas elle commandava, e que foi a primeira barreira opposta á nova invasão germanica.

Longe de se render ante a esmagadora superioridade numerica dos allemães, o valoroso general belga em 6 de Agosto de 1914 instalou-se no forte de Loncin, onde resistiu desesperadamente.

Bombardeado pelos obuses de 420, até ao dia 15 de Agosto, o forte foi inteiramente destruido pela explosão d'um payol de munições e então o inimigo retirou de sob os escombros o corpo do valente soldado, sem sentidos.

No dia seguinte, antes de partir como prisioneiro, escreveu ao seu Rei a seguinte carta, que é uma pagina cheia de belleza :

« Senhor »

« Vossa Magestade saberá, cheia de dor, que o forte de Loncin foi pelos ares hontem cerca das 17 horas e vinte, interrando sob as suas ruinas a maior parte da guarnição, talvez oito decimos.

« A explosão foi provocada pela acção duma artilharia extraordinariamente poderosa, apos um bombardeio violento.

« O forte estava longe de ser constituido para resistir a meios de destruição duma força tal.

« Estou certo de ter mantido a honra das nossas armas. Não rendi nem a fortaleza nem o fortim.

« Digne-se Vossa Magestade perdoar o desleixo desta carta : estou physicamente muito abalado pela explosão de Loncin.

« De boa vontade teria dado a vida para melhor servir a Patria, mas a morte não quiz levar-me.

« Na Allemanha, para onde vão dirigir-me, o meu pensamento estará com quem sempre esteve : com a Belgica e o seu Rei ».

Assim é que o valoroso general foi feito prisioneiro por aquelles mesmos que, nos primeiros momentos da guerra, entrando em Liege disfarçados sob a farda belga, se apresentaram como belgas no Quartel General, e como allemães tentaram assassiná-lo traicoeiramente.

O Ministro de Portugal na Belgica

O Ministro de Portugal na Belgica é um dos mais fervorosos apóstolos das ideias democraticas e um dos mais esforçados soldados dos combates politicos que em Portugal precederam o triumpho da Republica.

Foi elle quem iniciou abertamente a propaganda republicana no Norte do paiz, fundando em 1875 com Rodrigues de Freitas, Oliveira Martins e José Pereira Sampaio (Bruno) o Centro Republicano Democratico do Porto.

Professor e jornalista, depois de fundar em Coimbra ainda quando estudante, a « Republica Portuguesa », dirigiu no Porto, durante annos, o diario « A Discussão ».

A geração coimbrã de 1874 a 1875 contava-o, entre os mais notaveis intellectuaes d'essa brilhante pleiade, como um dos mais valorosos combatentes em prol das ideias novas e generosas.

Collocando-se á testa dos trabalhos revolucionarios que conduziram ao 31 de Janeiro de 1891, teve a curta alegria de proclamar, do alto da Camara Municipal do Porto, a queda da Monarchia. Mas o malogro do empreendimento abrigou-o a emigrar de Portugal e veio então para França onde viveu, continuando a lucta, até a proclamação da Republica, vinte annos depois.

Alli se dedicou primeiro ao ensino, á advocacia em seguida e durante esse longo prazo grangeou altas relações e justa fama como jurisconsulto e sociologo.

O Banco de França, o Comptoir d'Escompte, e importantes casas bancarias reconeram muitas vezes aos seus conselhos esclarecidos em questões intrincadas de direito.

O Governo Provisorio nomeou-o Ministro Plenipotenciario em Bruxellas. Não podendo, em virtude das suas funcções, tomar assento na Assembleia Constituinte, o illustre pensador e politico escreveu um livro « Politica Nova » em que fixa as suas idéias sobre o que devia ser a nova Constituicção Portuguesa.

N'esse trabalho, verdadeiramente magistral, o snr. dr. Alves da Veiga percorre todos os problemas da sciencia politica, desde a moderna orientação das ideias até ás mais particularizadas questões economicas, com uma profundeza de vistas que nos asseveram a sua bella mentalidade.

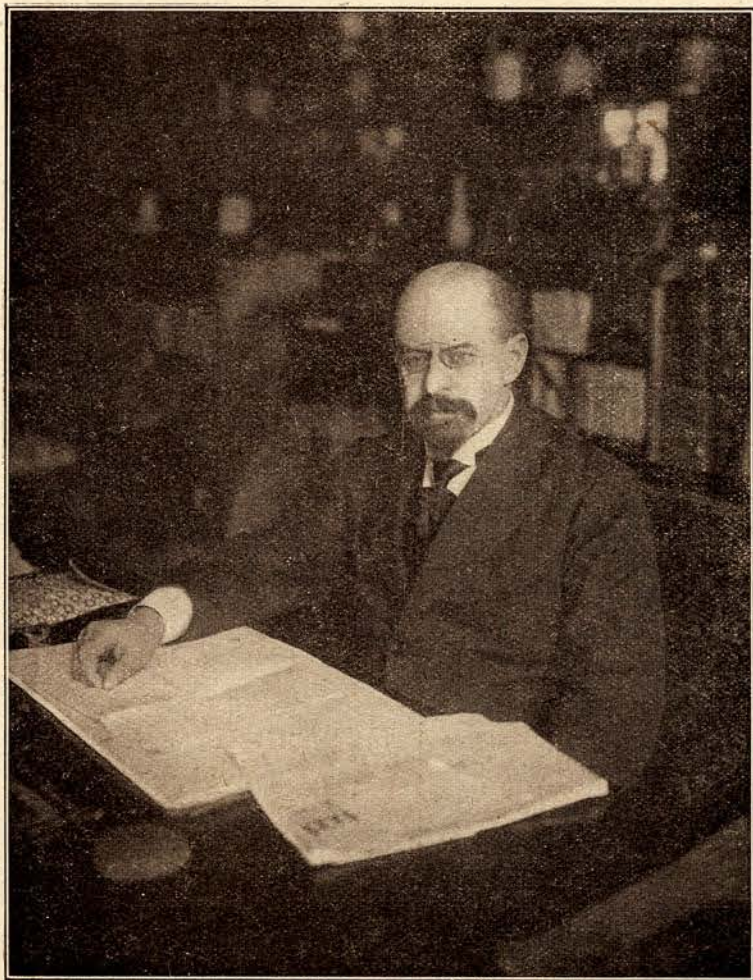


Dr. ALVES da VEIGA

C'est avec émotion que, lors de ma
 dernière visite au front des Flandres, j'ai vu
 aux côtés de nos soldats, dans un cantonnement où
 se pressent des hommes de tous les pays libres,
 les uniformes gris bleu des républicains Portugais,
 qui combattent au même titre que nous le droit de
 nations — disposés à la même fin, un monde libéré
 du militarisme et du pouvoir personnel

Le Havre 19 Septembre 1917

Emile Vandervelde



M. EMILE VANDERVELDE

Dum dos maiores pensadores modernos, — o chefe do socialismo belga, ministro de Estado da Belgica, que é ao mesmo tempo um cerebro dum poder logico extraordinario, um artista da palavra e da ideia e um politico sincero e forte, consagrado á causa do povo — obtivemos as linhas ineditas que acima estampamos e nas quaes se lê a impressão que lhe causou o encontrar as nossas tropas junto dos soldados belgas, nos plainos das Flandres devastados pelo inimigo commum.

Eis a seguir a traducção do interessante autographo :

Foi cheio de emoção que, quando da minha ultima visita ao front das Flandres, vi ao lado dos nossos soldados, num acantonamento onde se acotovelam homens de todos os paizes livres, os uniformes cinzento-azulados dos republicanos Portuguezes, que combatem connosco para assegurar o direito das Nações a disporem de si, num mundo libertado do militarismo e do poder pessoal.

Le Hâvre, 19 de Setembro de 1917.

Emile VANDERVELDE.

“MIGALHAS DA GUERRA”

André Brun, que acaba de passar alguns dias de licença em Paris, na melhor disposição de saúde e de espírito, depois de 4 mezes de trincheiras, onde comanda um batalhão, cedeu-nos gentilmente algumas paginas do seu proximo livro “Migalhas da Guerra” em que, numa serie de pequenos quadros, narra interessantes aspectos da sua estada nas linhas mais avançadas do Front. Os nossos leitores que certamente o reconheceram no Capitão X dos numeros anteriores, terão sem duvida um grande prazer em voltar a encontrar, sob as linhas que seguem, a forma dum dos autores mais lidos e mais queridos de Portugal.

MADAME LETAILLEUR



Foi o meu primeiro bo-lêto em França. Eu chegára pela tardinha, n'um automovel do quartel general, á aldeiola onde acantonava o batalhão, onde fora colocado. Em quinze dias a terra francesa, que os nossos soldados tinham vindo encontrar envolta n'uma mortalha de neve e de desolação, acordára, florira. As arvoreds e as sêbes tinham-se vestido, o chão argiloso endurecera, nos campos plainos a perder de vista as sementes brotavam, as macieiras empoavam-se garidamente, o ceu era puro e sem nuvens. Os que iam ser meus soldados giravam pelas ruas estreitas e pelas estradas estreitadas, mirando o recém-chegado.

O ajudante levou-me por um caminho florido, fez-me atravessar o pateo d'uma herdade, que parecia uma illustração de certo livro de Madame de Ségur, encanto da minha infancia, e disse-me :

— « É aqui.

Era, sobre um dos lados da *cour*, uma casa baixa de um só pavimento e sotão. Uma porta estreita com uma data — 1864 — uma larga janella com cortinas engommadas. Ahi morara um official, partido em diligencia, e alli ia eu morar. A porta estava no fêcho; entrámos. O compartimento de entrada com o seu chão de tijolo muito lavado, o fogão muito relusente sobre o qual resonava uma agoa fervendo, o seu armario muito claro, muito brunido, o crucifixo sob uma redoma, tinha um ar tão risonho e acolhedor que me senti logo bem. A uma banda do fogão, encostando-se á mesa para se levantar, interrompendo uma ceia de café com leite, madame Letailleur.

Era uma velha alta, muito magra, com queixo e nariz de Polichinello, uns olhos azues clarissimos e sobre os seus cabellos brancos uma coifa de renda em canudos. Ficámos logo amigos e ella, arrastando um pouco os seus sapatões de salto raso, foi-me indicar o meu quarto, espevitar o meu fogão, acender a vèla e afagar a minha cama alta e fofa como todas as camas de França. D'alli a pouco, arrumadas as malas, acceso o cachimbo, conversámos emquanto a noite escurcia de todo e se salpicava de estrellas. Logo n'essa primeira palestra comprehendí que a minha boa hospedeira redusia todas os acontecimentos da vida a

duas cathogorias. A guerra já durava interminavelmente. Tres annos quasi de sangue e de sacrificios... « *Çà, c'est une mauvaise affaire!* » concluía ella com o seu sotaque e a sua falta de dentes. Portugueses chegavam todos os dias, acantonando nos arredores em aldeolas como esta. D'aquí a pouco seriam algumas poucas dezenas de milhares... « *Çà, c'est une bonne affaire!* » No dia seguinte de madrugada, eu partia com uma companhia para a escola de gazes asfixiantes afim de seguirmos algumas horas depois para o *front* em instrucção... « *Çà, c'est une mauvaise affaire!* » Mas eu vinha confiante n'uma victoria proxima e completa. Dentro d'alguns mezes o filho d'ella, soldado das equipagens para as bandas de Verdun, regressaria á herdade, ás sementeiras, ao arado



NICHA

que dormia no pateo, ao grande cavallo branco que relinchava no estabulo... « *Ça, c'est une bonne affaire!* »

Sobre a pedra do meu fogão eu tinha posto logo de entrada os meus retratos queridos. Fui ás trincheiras e voltei. Trouxe os meus homens e os meus ossos inteiros. Ao entrar de novo em casa de Madame Letailleur, sob a redoma de vidro, junto ao crucifixo, estava a retrato de minha filha, anjo de Deus que a minha velhota alli puséra a pedir por mim ao Christo martirizado.

Vivi quasi um mez n'aquella casa, sahindo cedo, voltando pela tarde. Nas primeiras noites, enquanto escrevia para Portugal a minha saudade, sentia ao lado duas vozes, a d'ella, a de um homem que eu supuz ser *Monsieur*, como se diz por aqui quando se falla do dono da casa. As vozes pareciam altercar. Madame Letailleur gritava. O homem berrava como um possesso. Fazia-me confusão aquella gritaria e uma manhã perguntei-lhe:

— « Hontem estava zangada com o seu marido?

Riu como uma perdida. O marido morrera ha muito. O homem com quem ella gritava todas as noites era um refugiado. Pobre homem! Vivía tranquilo, era rico mesmo, os seus trinta contos talvez em terras e herdades. Um dia vieram os alemães. Queimaram, saqueram, o velho fugiu deante d'aquelle horror. Ha dois annos que não sabe nada dos seus, nem da sua terra onde os *boches* estão ainda. Veiu alli parar, mora por favor n'um compartimento do sotão, para merecer a pousada e a tigela de sopa leva o cavallo branco a puxar o arado na *pâturage* de Mme Letailleur e esta grita-lhe aos ouvidos porque o desgraçado ensurdeceu na confusão duma batalha travada sobre as ruinas fumegantes do seu lar.

— « *Ça, c'est une mauvaise affaire!* » remato eu a scismar n'aquelle drama. Ella encolhe os seus hombros ossudos, volvendo os olhos para o Sagrado Coração de Jesus, apainelado junto ao armario.

Um dia veiu ordem para que o batalhão inteiro seguisse definitivamente para a frente. Era a hora de irmos para a fornalha. Fizeram-se as malas, carregaram-se os carros, os homens atulharam as mochilas, andaram de porta em porta despedindo-se dos seus amigos franceses.

Eu despejei o grande armario brunido, arrumei os papeis. Chegou a hora da despedida. O meu cavallo com o arreo de marcha esperava-me á porta. Madame Letailleur com a sua coifa branca de canudos, as mãos ossudas cruzadas sobre o grande avental, fitava-me silenciosa.

— « Parto, minha senhora. Um dia havemos de voltar a descançar para aqui... »

Despedi-me com um olhar d'aquella casa tão limpa e tão clara, d'aquelle tecto de França que me vira chorar ás escondidas os meus amores distantes e abri os braços a Madame Letailleur. Ella tinha lagrimas nos seus olhos muitos claros, o seu queixo e o seu nariz de Polichinello agitavam-se n'um tremor e eu plantei dois sonoros beijos nas covas das suas bochè-chas.



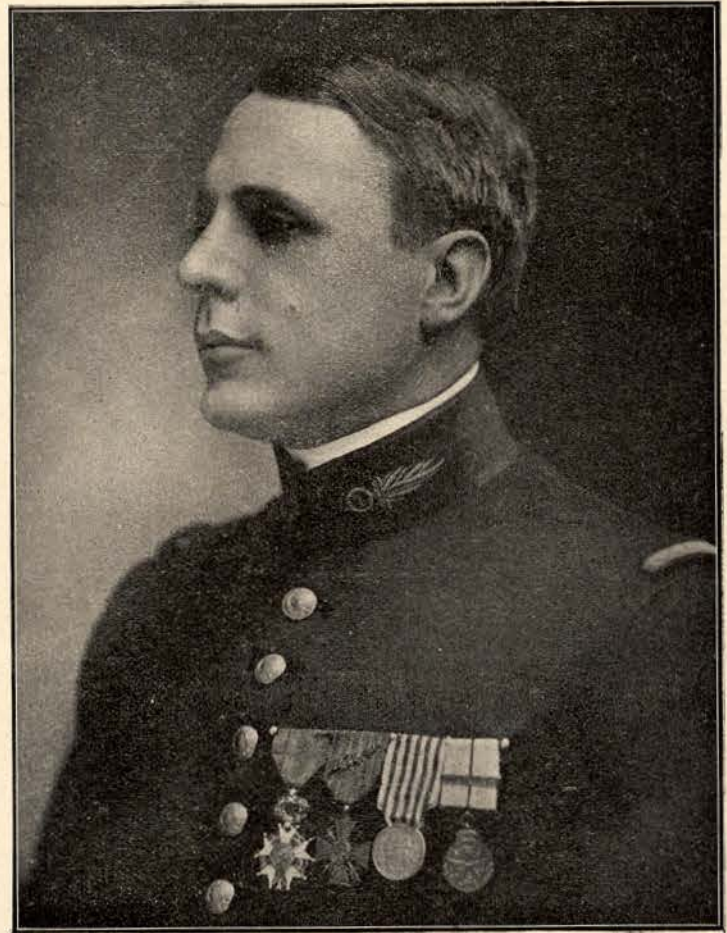
Capitão ANDRÉ BRUN.

OS AMIGOS DE PORTUGAL

3 Avenue Alphonse XIII

*Lieux d'affection, communauté
d'ideals m'attachent à la démocratie
Portugaise. Le droit soutenu par les
armes soit notre devise aujourd'hui
Demain par la victoire des armes,
la victoire de la démocratie, soit
le couronnement de tant de sacrifices,
et de tant de victimes du despotisme.
Vive la démocratie Portugaise,
collaboratrice de cette grande révolution*

Commandant Ricciotti Garibaldi



Major RICCIOTI GARIBALDI

O nosso adido militar em Paris



Coronel ORTIGÃO PERES

O sr. coronel João Ortigão Peres, que um decreto de 9 de Janeiro d'este anno nomeou adido militar junto da Legação da Republica Portuguesa em Paris é um official distinctissimo, que conta uma carreira das mais brilhantes a todos os titulos.

Em 1888, com 16 annos apenas, alistou-se voluntariamente no regimento de caçadores 2, e antes dos vinte annos recebia a espada de official.

Frequentou a Escola Polytechnica de Lisboa, o curso da arma de infantaria e foi em 1897 colocado no Estado Maior d'esta arma.

Pouco depois era nomeado sub-chefe de Estado Maior no Quartel General de Angola.

Em 1912, como chefe de Estado Maior da columna de operações ao norte de Benguela, assistiu aos combates travados entre 29 de Agosto e 15 de Setembro, nomeadamente aos de Caiobe, Embala Grande do Sague, á Passagem do rio Congo, Galanga, etc.

Mandado depois para a Guiné e Cabo

Verde, alli desempenhou varias missões importantes que o ministerio da guerra lhe confiara, merecendo sempre os mais rasgados louvores.

Em 1915, volta a Africa, como chefe de Estado Maior da Expedição ao sul de Angola commandada pelo general Sr. Pereira d'Eça que devia vingá-los dos traiçoeiros ataques dos allemães a Naulila e Cuangar, e restabelecer a fronteira sul d'aquella nossa colonia ameaçada.

Foi n'essa qualidade que tomou parte na acção de 17 de Agosto e nos combates de 18, 19 e 20 na Mongua e nas Cacimbas de Mongua.

O nosso adido militar em Paris que desde ha muito tem regido interinamente bom numero de cadeiras na Escola de Guerra é hoje lente proprietario da 17ª. O sr. coronel Ortigão Peres dirigiu tambem interinamente o Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito de Terra e Mar.

Agraciado com numerosas condecorações e medalhas, o adido militar da Legação de Portugal em Paris tem o grau de cavalleiro das ordens da Torre e Espada, de S. Bento de Aviz e Dannebrog da Dinamarca bem como da Legião de Honra.

LES COMMUNIQUÉS

Front français
 14 HEURES — Sur le front de Verdun, nos troupes ont fait exploser un obus à main armée dans la région de Courtrai. Nos troupes ont fait exploser un obus à main armée dans la région de Courtrai. Nos troupes ont fait exploser un obus à main armée dans la région de Courtrai.

Front britannique
 13 HEURES — Les troupes britanniques ont fait exploser un obus à main armée dans la région de Courtrai. Nos troupes ont fait exploser un obus à main armée dans la région de Courtrai.

Front belge
 Pendant la nuit du 27 au 28, nos troupes ont fait exploser un obus à main armée dans la région de Courtrai. Nos troupes ont fait exploser un obus à main armée dans la région de Courtrai.

Front portugais
 Au cours de cette semaine, nous avons repoussé un coup de main au sud d'Armentières. L'ennemi a laissé trois prisonniers entre nos mains. Sur tout autre front, vifs engagements avec des patrouilles qui ont toujours été repoussées. Le bombardement continue de part et d'autre. L'ennemi a fait un grand usage de bombes à gaz. Nos pertes furent très légères pendant cette semaine. Le moral des troupes est excellent.

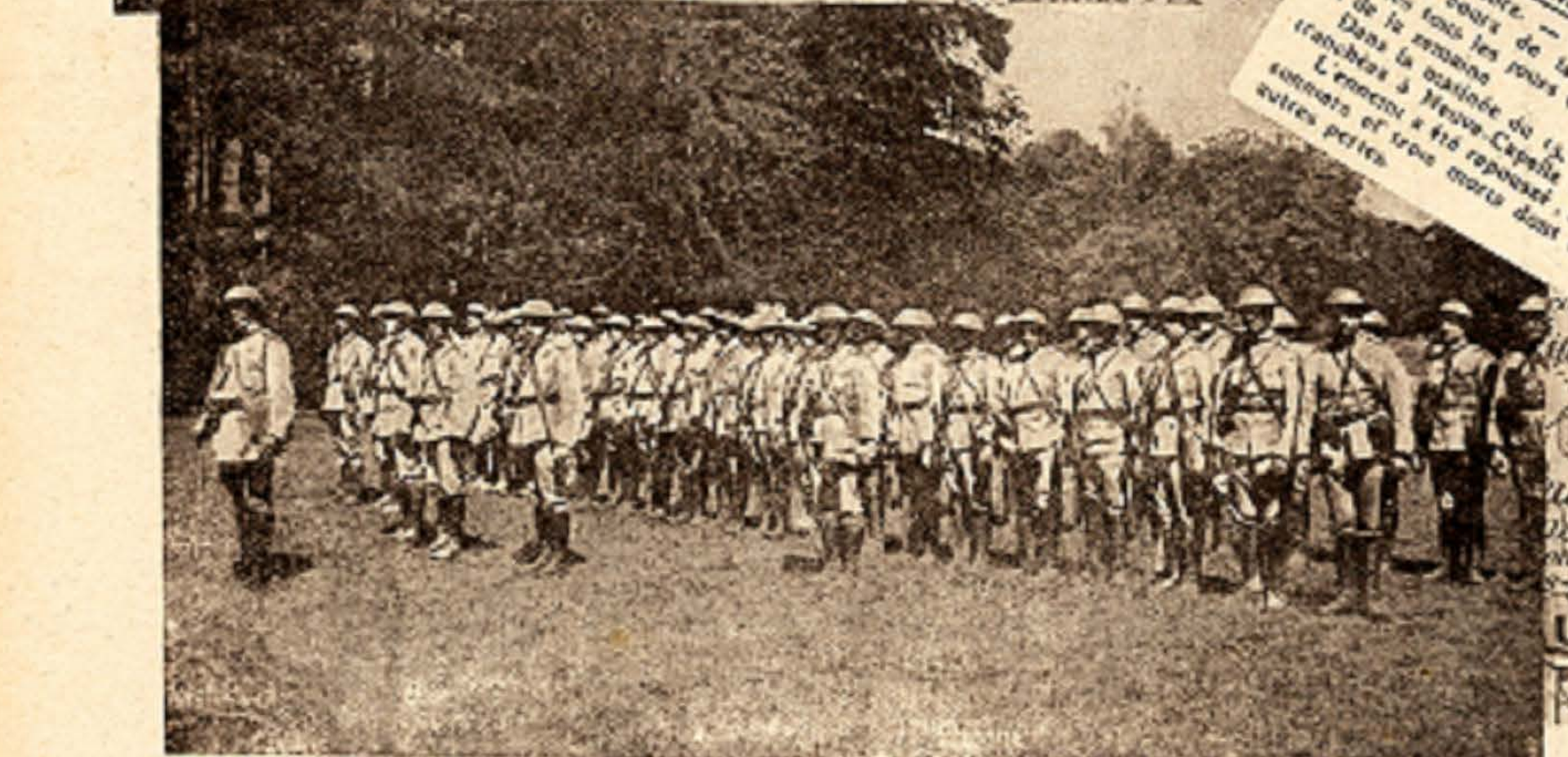
Front italien
 SUR LE PLATEAU DE BAINISZEA, LE COMBAT A CONTINUÉ HIER. APRES AVOIR EU RAISON DES ARRIERE-GARDES ENNEMES, NOS TROUPES ONT TROUVÉ ET ATTAQUÉ A PRESSE PRÉCÉDEMMENT UNE LIGNE DE RÉSISTANCE ORGANISÉE AVEC ACHARNEMENT. ET QUE L'ENNEMI DÉPEND A L'EST DE GORIZIA. NOUS AVONS RÉALISÉ QUELQUES GAINS PENDANT LA



Front portugais
 La situation a été de relative tranquillité pendant toute la semaine, après le combat du 14 de ce mois, malgré les bombardements réciproques et l'activité des patrouilles. Au nombre des morts laissés par l'ennemi au dernier combat il y a à ajouter trois officiers. Nous avons fait trois autres prisonniers après ceux indiqués antérieurement. Le moral des troupes est excellent.

Front de Mésopotamie
 Nos colonnes ont attaqué le 19 août, les Turcs près de Schahabad, sur la rive gauche de la Dialah. L'ennemi a opposé une faible résistance et a été repoussé en hâte vers les collines d'Hamrin. Nous continuons d'occuper Schahabad.

Fronts russes
 FRONT OCCIDENTAL — Dans la direction de Toukourou, sous la pression de l'ennemi, nos troupes se sont retirées de la région de Ragasen et Kemern vers celle du lac Schlozenborn. Dans cette direction, l'ennemi a violemment attaqué nos positions. Dans la région au sud-ouest du lac Baltsch, un fort détachement d'éclaireurs allemands a été dispersé après un corps à corps à main armée entre nos mains. L'artillerie a manifesté une grande activité contre nos tranchées. Le brave général-major de la Division...



Front portugais
 13 HEURES 40 — Un fort contingent ennemi, composé de troupes spéciales, a attaqué le front de notre secteur ce matin à 11 heures. Il arriva à pénétrer dans une partie de notre ligne. Notre artillerie riposta vigoureusement, et notre infanterie, courageusement, espulsa l'ennemi, lequel laissa plusieurs morts, dont un officier et prisonniers en notre pouvoir.

OS PORTUGUEZES NA GRANDE GUERRA

A nossa pagina reproduz o mappa da região onde as tropas Portuguezas se estão batendo contra os alemães. A frente de batalha é indicada pela linha menos negra que, de cima a baixo, vai de leste de Ypres até junto de Vimy. No alto da pagina, à esquerda, o general Tamagnini, comandante do Corpo Expedicionario Portuguez. à direita, o general Gomes da Costa e em baixo, ao meio, o general Simas Machado.

LES PORTUGAIS DANS LA GRANDE GUERRE

Notre page reproduit la carte de la région où les troupes portugaises se battent contre les Allemands. Le front est indiqué par la ligne moins foncée qui va de haut en bas, depuis l'est d'Ypres, jusqu'à près de Vimy. En haut et à gauche, le général Tamagnini, commandant du Corps Expéditionnaire Portugais. A droite, le général Gomes de Costa et en bas, au milieu, le général Simas Machado.



AS MONTRAS DOS BOULEVARDS

*Pequenos Museus
da Grande Guerra*



Nesta babel de soldados de todo o mundo, os boulevards continuam a ser a pelle sensível a que afloram todas as emoções, todas as sympathias. A cada novo aliado que vinha juntar-se à França correspondia uma bandeira mais por toda a parte, nos mil tropheus da capital, mas inumeras coisinhas em que a grande alliança ficará perpetuada. Portugal, apesa de estar em guerra declarada ha mais de anno e meio, não deu logo muito nas vistas.

Ha quatro mezes ainda, officiaes portuguezes que passavam em Paris a caminho do front procuravam debalde nos tropheus de bandeiras as côres de Portugal, nos mostruarios de bugigangas dedicadas aos alliados alguma cousa que falasse de nós. E os pessimistas concluíam mais uma vez que nos não eram dispensados a attenção e o interesse a que tem direito o nosso esforço.

Hoje os tempos vão mudados. A industria já reconheceu que o « artigo português » era vendavel e as bandeiras lusitanas surgem em todos os tropheus, em todos os monstruarios apparecem as bugigangas portuguezas. Temos os bilhetes postaes, as aguarellas symbolicas, os brinquedos, bonecos e utensilios meudos, desde a parisiense que passeia debaixo de uma sombrinha verde-rubra com um soldado de Portugal e a figura de mulher envolta nas nossas côres nacionaes, até ao ultimo numero da celebre edição das borboletas.

Outro postal revela aos parisienses o uniforme do nosso soldado de infantaria, outro ainda reproduz a celebre phrase de Deschanel: — « Dix peuples debout » — em que se falla de Portugal.

Um artista modesto e desconhecido fez centenas de postaes

aguarelados, com cores violentas, em que o galo francez, na ponta das patas estende o poscoço para a bandeira portugueza e canta um « Vive le Portugal ! »

Outro, que assigna Roëller, apresenta uma figurinha meuda, gracil e atrevida como o são só as *midinettes* de Paris, numa postura provocadora, vestida de verde e rubro, com as quinas e os castellos muito bem prospegados no sitio em que se põe o avental.

Numa edição de postaes que é ingleza pela certa, perfilam-se os alliados com suas bandeiras — mas os porta-bandeiras são cachorrinhos de panno, como os brinquedos londrinos.

O symbolo do *bull-dog* inglez estende-se a todas as nações da entente, e Portugal lá está, pequenito, mas todo arrebitado.

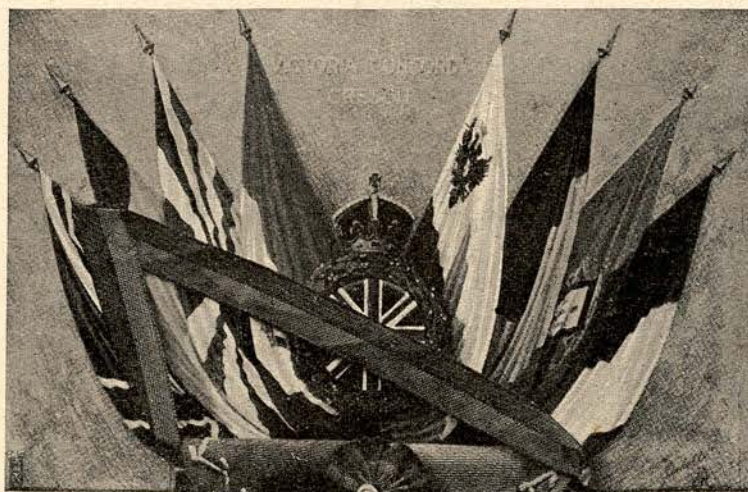
Um outro postal (que reproduzimos no alto da pagina) é uma bandeira portugueza, com o escudo e os seus loiros, bordada a seda sobre um pedaço de tulle por mãos de qualquer bordadeira ignorada, que a grandes pontos transcreven o verso do poeta

Esta é a ditosa patria minha amada

em franja, por baixo da bandeira.

Botões de punhos, correntes, pulseiras e alfinetes portuguezes, tudo isso começa a constituir uma verdadeira iconographia, disparatada e ingenu, que ha-de attestar para sempre que Portugal cá estava tambem, na tragica contenda de que ficarão estes testemnhos risinhos e alegres.

Não seria interessante ver um dia, numa colleção completa e bem coordenada, todas estes pequeninos nadas, frageis padrões dum esforço tamanho?



Ao lado dos artigos de fãncaria, feitos por maquinas, alguns sem graça nem proposito, vêem-se tambem pequenos trabalhos delicados, em que se sente bem a mão que os fez, e que nos dão a agradável impressão duma pequena obra de arte.

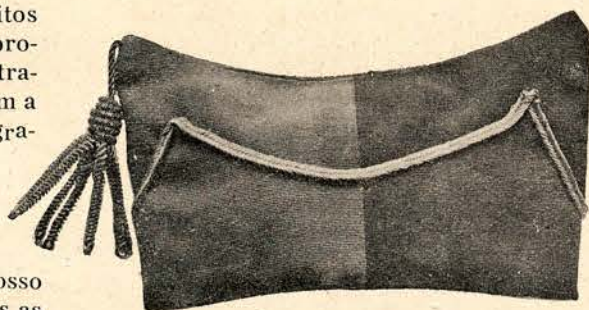
Um aguarellista copiou uma nossa mulher do Minho no cartão de um calendario. Fê-la empunhar o nosso estandarte e são vermelhas e verdes as côres de laço que o prende. Ha o *barrete de policia* português e o saquinho de mão. Installámo-nos pois no *boulevard*. Caras bonitas passam deteem-se um instante, vão aprendendo as côres de cada nação e lá encontram tambem as nossas.

— *Tiens! Le Portugal!*

E assim se vae sabendo que estamos na guerra, que um pequeno povo confinado n'um cabo da Europa para onde ninguem olhava, se ergueu e veio colher o seu punhado de louros nos campos onde se faz o mundo de amanhã. Os pessimistas ja não puderão supôr que passamos despercebidos, poisque lá estamos tambem nesses pequenos museus da guerra que são as montras do *boulevard*.

Talvês a propaganda podesse ser mais larga se os industriaes portugueses tivessem pensado um pouco em mandar atraz do corpo expedicionario alguns caixeiros viajantes com meia dusia de malas carregadas de amostras. Ainda é tempo.

Na grande feira ha logar para todos e a sympathia da França, que largamente se repartio durante tanto tempo por povos que só souberam pag-ála com a ingratição, está prompta a acolher-nos e a compensar o nosso esforço. Simplesmente não se espere que



O barrete de policia



A Aguarela da Vianeza, entre os postaes dos *Boulevards*



ella nos vá procurar. Tem tanto que fazer agora!...

Mas, quando apparecermos, seremos bem recebidos.

Com efeito, porque não ha ainda uma unica Casa Portuguesa em Paris? Quem conhece a grande cidade sabe que não ha nação nenhuma do mundo, algumas dellas bem pequenas, que não esteja representada num canto desta metropole colossal por um estabelecimento dos seus productos, por um restaurante das suas iguarias, por um antiquario das suas curiosidades, por agencias dos seus intesses.

Ha casas japonesas em varios cantos, restaurantes italianos a cada passo, taboetas hespanholas, russas, suecas, chilenas javanesas até—que sei eu! — e tantos portugueses que aqui vinham, tantos outros que por cá tem passado, outros ainda, que hão de vir, não encontram uma casa onde lhes sirvam os pratos tradicionaes da nossa terra, uma loja onde se encontrem as faianças do Bordallo, os bordados das nossas ilhas, as rendas de Peniche, as nossas filigranas, a par dos panoramas que incitassem a curiosidade de

visitar o nosso Portugal e de lhe admirar as bellasas.

Como resultado industrial uma casa dessas seria um exito, como propaganda seria excellente e chegou a hora de a fazermos por todos os modos.

Uma occasião passa, unica na nossa historia. Se não soubermos tomá-la por esse unico cabelo que a Fabula atribue á Fortuna, essa occasião não voltará.

Teremos perdido o mais excepcional ensejo para que a grande irmã latina de quem temos a esperar, mais do que de qualquer outra nação, auxilio e interesse, no-los dedique e no-los consagre.

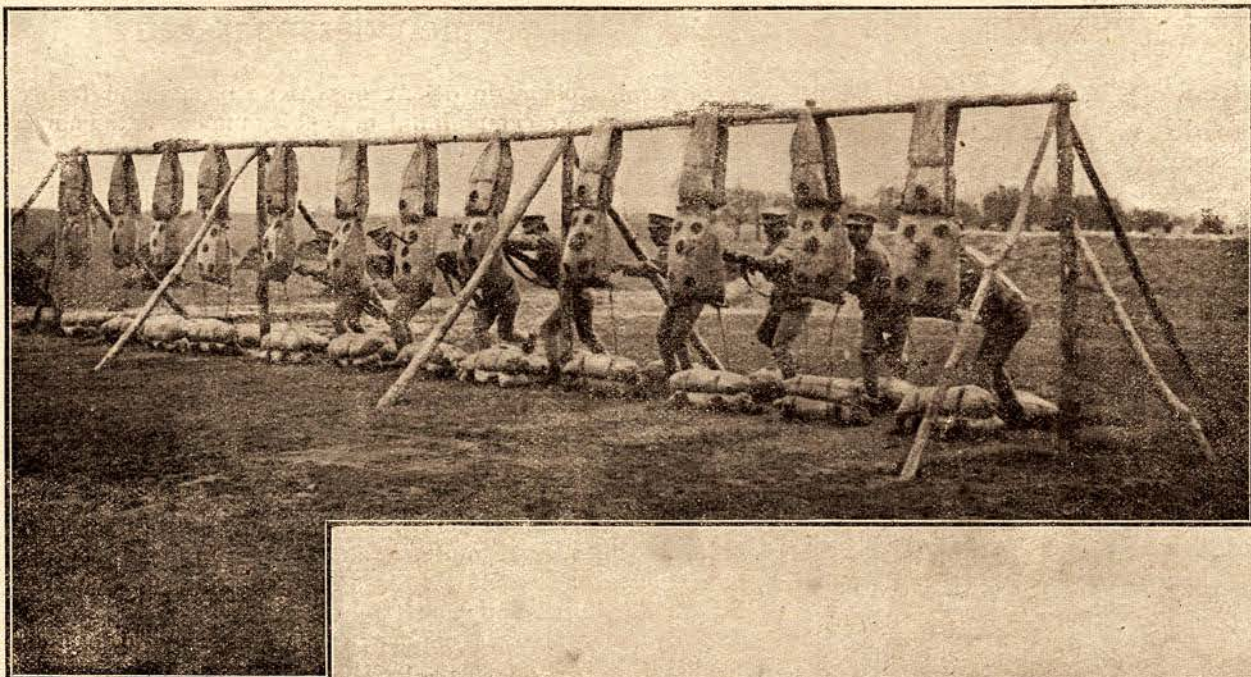
A PREPARAÇÃO DO SOLDADO PORTUGUEZ



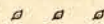
Munidos com as mascaras especiaes, os soldados portuguezes penetram na casa dos gazes.
Munis de leurs masques spéciaux, les soldats portugais pénètrent dans la maison des gaz.



O emprego da mascara contra os gazes requer precisão e presteza. Os nossos soldados adextram-se em conjunto.
L'emploi du masque contre les gaz exige de la précision et de la rapidité. Nos soldats s'y entraînent ensemble.



O final dum exercício de ataque á bayoneta.



Le final d'un exercice d'attaque à la baïonnette.



Os nossos soldados
começam
a esgrima de bayoneta,
logo de manhã cedo.



Nos soldats commencent
l'esgrime à la baïonnette,
dès le matin.

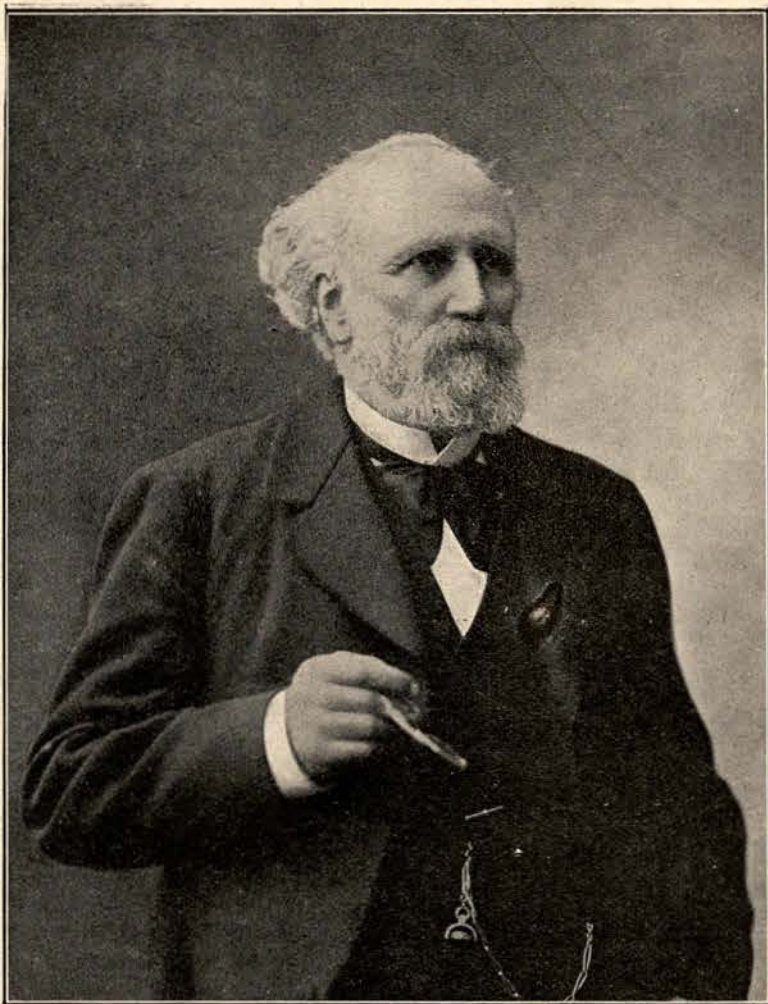


Um sargento instructor
explica o emprego
das granadas de mão.



Un sergent instructeur
explique l'emploi
des grenades à main.





M. ALEXANDRE RIBOT

O Snr. Alexandre Ribot é um dos primeiros homens de Estado da França tanto pela sua experiencia dos negocios publicos como pela segurança e independencia do seu alto criterio.

Licenciado em letras, doutor em direito e laureado da Universidade, a Academia Franceza elegeu-o em 1906 pelo seu talento da palavra e pela elevação de pensamento dos seus discursos.

Espirito liberal e moderado, elle representa na vida politica franceza dos ultimos 40 annos um importante esforço de conciliação entre as tendencias extremistas dos legisladores.

Em 1875, entrou no Ministerio da Justica como director dos Processos criminaes, occupando logo depois n'esse mesmo ministerio o logar de secretario geral e o de conselheiro de Estado Extraordinario. O golpe de Estado de 16 de maio encontrou n'elle um defensor da Liberdade da melhor tempera.

Eleito deputado em 1878, inscreveu-se no centro da esquerda, e encetou uma vida de lucta parlamentar acerrima, que fez d'elle um dos homens mais em destaque. Eleito de novo em 1881, pode desde então considerar-se como um dos chefes do partido republicano conservador de que elle era já o orador mais influente.

O snr. Ribot interveio na politica exterior, principalmente nos negocios do Egypto e da politica colonial.

Em 1890, no ministerio de Freycinet coube-lhe a pasta dos negocios estrangeiros, que conservou no ministerio seguinte, presidido por Loubet. Deve-se-lhe o ter contribuido durante esse tempo á aproximação entre a França e a Russia.

Em 1893, o Snr. Ribot tomou a presidencia do conselho a seguir a Loubet. Derrubou-o o conflito orçamental entre a camara dos deputados e o Senado, mas dois annos depois, em 1895, volta á presidencia do conselho, sobraçando a pasta das Finanças. A partir de então, os seus trabalhos orientaram-se particularmente sobre os problemas financeiros.

Desde o principio da guerra, no gabinete Briand, o snr. Ribot geriu a pasta das Finanças e desde março até setembro d'este anno retomou a presidencia do conselho, com os Negocios Estrangeiros, ministerio este que lhe foi novamente confiado no actual gabinete.

Guynemer desapareceu

Guynemer, chamado o « Az dos Azes » na aviação franceza, desapareceu, no campo inimigo, depois dum combate na manhã de 11 de setembro.

Capitão aos 22 annos, citado 30 vezes na ordem do exercito, Guynemer, era official de Legião do Honra e condecorado com e medalha militar e a cruz de guerra, com 30 palmas.

Quando rebentou a guerra, o joven Guynemer que preparava a admissão á Escola Polytechnica, quiz alistar-se voluntariamente. Mas pela sua constituição debil as juntas de saude, alias pouco exigentes n'aquella hora tragica, recusaram-no por cinco vezes. Finalmente consegue ser admittido como alumno-mecanico na escola de aviação de Pau, onde depressa passou a ser piloto.

Em 8 de junho de 1915 partiu para a frente de batalha, com a esquadrilha das cegonhas, que tanto se celebrou. Cabo a essa altura, o fransino piloto impoz-se logo pela sua coragem durante as missões mais arriscadas para que elle se offerencia.

Em 19 do mez seguinte, ganha a primeira victoria d'essa enorme lista que ve até 53. Eis a seguir a citação que consagra um dia da sua epopeia :

« Guynemer (Georges), capitão ; official d'elite, piloto de combate tão habil como audacioso, prestou á patria brilhantes serviços tanto pelo numero das suas victorias como pelo exemplo diario do seu ardor sempre igual e da sua mestria cada vez maior. Despresando o perigo, tornou-se para o inimigo, pela segurança dos seus methodos e pela precisão da sua manobra, o adversario mais temido entre todos. Realizou, em 25 de maio de 1917 um dos mais brilhantes feitos, abatendo num só minuto dois aparelhos inimigos e ganhando nesse mesmo dia duas outras victorias.

Por todos estes feitos contribue a exaltar a coragem e o entusiasmo d'aquelles que, nas trincheiras, são testemunhas dos seus triumphos. 45 aparelhos abatidos. 20 citações, 2 ferimentos. »



O Capitão GEORGES GUYNEMER



THEATROS

Mal se pôde dizer que a estação começou porque na realidade os theatros não fecharam durante o verão que acaba agora.

No entanto, começam a apparecer nos cartazes as primeiras peças novas:

L'illusionniste, de Sacha Guitry, no BOUFFES PARISIENS, creado pelo autor, que consegue interessar sempre o seu publico, embora servindo-lhe as mesmas historias sob diversas formas e feitios. D'esta vez, o singelo enredo buscou o atractivo duma estructura imprevisita. Sôbe o panno e, em vez de actores vêem-se dois cyclistas acrobatas, que trabalham como se estivessem num *music-hall*. Depois, vem outro numero do mesmo genero, e outro ainda, uma *girl de café-concert* — que é a deliciosa actriz Yvonne Printemps aproveitando o engenhoso pretexto para nos mostrar que tambem canta e menos mal. Quarto numero, um prestiguidador: o illusionista, o Sr. Sacha Guitry, que faz partes acompanhadas de inglez macarrónico. Começa a trama: Numa frisa, um par attrae as vistas do publico pelo embecimento com que a dama mira o artista e pelo risonho assentimento de cavalheiro.

A dama caprichosa quer ver o illusionista em sua casa e combina-se que será nessa mesma noite. O cavalheiro satisfaz-lhe a vontade e Sacha Guitry, muito convencido dos seus encantos pessoas, já percebeu tudo.

Assim é. A dama arranja a zangar-se com o sujeito complacente, recebe sósi-sinha Sacha Guitry, que a certa altura lhe cantao — *Si tu veux faisons un rêve...*

O terceiro acto traz o desmancho do sonho projectado: O illusionista, depois de ter dado a illusão passageira do amor, já quer voltar para a sua vida errante de bohemio, para a sua inglezinha, que a

final é uma ingleza de Montparnasse, com elle é um inglez de Montmartre.

O assumpto é insignificante em si, mas Sacha Guitry cosinhou-o com tal originalidade e tal saber scenico que com elle obteve um espectáculo agradabilissimo.

— O THEATRE DES VARIÉTÉS deu-nos uma peça americana, *Femme de son mari*, tirada por Mrs. Margaret Muller de « Her Husband's Wife » de A. C. Thomas.

É um espectáculo divertido, cheio de qui-pro-quos; desde o principio até ao fim, apesar das suas situações constantemente vaudevillescas, a peça conserva um graça honesta e para todas as familias.

Uma doente de sisma, convencida de que morrerá dentro em pouco, propõe-se assegurar o futuro sentimental de seu marido, escolhendo ella mesma a mulher que ha-de succeder-lh.

A escolha está feita: é uma sua amiga de infancia, que poderá dispensar todos os cuidados caseiros ao ente querido até além da campa, sem comtudo apagar, pelos excessivos encantos da sua presença, a lembrança do primeira. A amiga, que acaba de amuar-se com o namoro — um irmão da doente imaginaria — escuta-a interessada e faz até uma vaga promessa, que a outra transforma logo em pacto formal: « Bom, deste-me a tua palavra, agora ficas sendo a noiva de meu marido ».

Assim acaba o primeiro acto, que promete. O segundo acto começa em pleno *imbroglio*. O marido, noivo sem o saber, parece agradecer-se a valer da amiga que comprehende porque fora escolhida e, ferida na sua coqueteria, se adonaira o melhor que pode a procura ofuscar a presumida. Esta alarma-se sentido que a amiga não só tenta trahir o pacto que não fez, continuando a pensar no namoro, mas até ameaça seduzir-lhe seriamente o marido, sem esperar que ella morra.

O caso dá-lhe mesmo pouca vontade de morrer e, procurando vingar-se, intriga o irmão, declarando-lhe que o namoro d'elle, a sua amiga, tinha um noivo. Furioso, o outro vae perguntar-lhe se é verdade. Ella confirma e elle vae-se desesperado. A ex-doente, que fez tudo para salvaguardar aquelle noivado « anthumo », muda de opinião e declara á amiga: « Pensei no caso: eu não possa exigir um tal sacrificio, nem da minha melhor amiga ». A outra rejubila, virgando-se: « Não, garanto-te que me não sacrificio de modo nenhum: teu marido agrada-me tanto como eu pareço agradecer-lhe ». E esta scena deliciosa prolonga-se ainda, delicada mente.

A situação é animada por uma scena de falsa embriaguez do marido, por uma discussão violenta entre o manoro da amiga e seu cunhado, e as coisas, complicando-se mais e mais, chegam a um ponto em que tudo se deslinda, quasi instantaneamente pela intervenção dum tio boa pessoa, que gosta de rir. A doente

curou-se dos seus pensamentos funebres, a amiga faz os pazes com o namoro, e todos entram na felicidade terrena quando o panno desce.

— A estreia do ATHÉNÉE é uma comedia em 3 actos, *Mon œuvre*, de Georges Berr et Louis Verneuil. Se os autores lhe não chamassem comedia, o leitor poderia pensar que se trata dum vaudeville, pelo escabroso e buffão do assumpto — que é, alias, mais dramático do que outra coisa.

Uma senhora patriota preside uma obra de guerra, « l'Œuvre des Maris au Front » que se destina a reconciliar os casados desunidos pelos « á côtés » da guerra. Atarefada, ella corre ministerios e repartições, assiste a reuniões e dicta o correio á machina, em quanto um fiel adorador, que a quer desposar, espera com pouca paciencia, pelo fim da guerra.

Apparece um alferes, em convalescença, que procurou debalde a mulher por toda a parte e vem servir-se dos bons officios da obra. Ora a esposa d'elle é precisamente a dactylographa que, entende-se, achou melhor durante a ausencia do marido e não quer voltar para casa. Succedem-se acenas em que o tacto dos auctores por pouco não deixa descambar num grotesco que seria insuportavel. O amante da infiel vem descompor a presidente da « obra dos maridos » e reclama uma obra dos amantes ou coisa que o valha.

A situação torna-se cada vez mais delicada, e bem se nota a hesitação cautelosa dos auctores.

— No GYMNASÉ, estreou-se tambem uma adpção *Petite Reine*, por A. Willemetz.

— O THEATRE SARAH BERNARD deu-nos uma adpção dramatica, *Vautrin*, do celebre romance de Balzac.

— *Montmartre*, emocionante peça de Pierre Frondaie, ao cabo de alguns annos de ausencia, volta ao palco do theatro PORTE SAINT MARTIN com a sua creadora, Polaire.

A. LUZ DA RIBALTA.

CARTAZ DA QUINZENA

Comédie-Française, 8 h. 45, *Andromaque*, *Félicitation*, *le Deuil*, *L'autre Danger*.
Opéra-Comique, 8 h., *Tosca*, *Miréille*, *Louise*, *Marouf*, *Manon*, *Lakmé*, *Roi d'Ys*, *Werther*, *Mignon*.
Odéon, 7 h. 45, *L'Affaire des Poisons*.
Bouffes-Parisiens, 8 h. 30, *L'illusionniste* (Sacha Guitry).
Variétés, 8 h. 45, *la Femme de son mari*.
Gymnase, 8 h. 30, *Petite Reine*.
Vaudeville, la Revue.
Châtelet, 8 h., *le Tour du Monde en 80 jours*.
Palais-Royal, 8 h., *Madame et son filleul*.
Gaité-Lyrique, 8 h., *les Diamants de la couronne*.
Ambigu, 8 h., *le Système D*.
Antoine, 8 h. 25, *M. Bourdin*, *profiteur*.
Athénée, 8 h., *Mon œuvre*.
Grand-Guignol, 8 h. 30, *la Grande Epouvante*.
Michel, 8 h. 30, *Plus ça change...* (Spindley).
Th. Réjane, 8 h. 30, *Une Revue chez Réjane*.
Renaissance, 8 h. 30, *Vous n'avez rien à déclarer ?*
Sarah-Bernhardt, 8 h. 45, *Vautrin*.
Porte-Saint-Martin, 8 h. 45, *Montmartre*.
Cluny, 8 h. 45, *les Deux Vestales*.
Edouard-VII, 8 h., *le Feu du Voisin*.
Femina, 8 h. 45, *Sappho*.
Olympia, Revue.
Ba-ta-Clan, 8 h. Revue (Mistinguett, Chevalier).
Cigale, Revue des Femmes.
Casino de Paris, Charlot etc.

□ □ □

(Da esquerda para
a direita :ALFERES BRANCO;
chefe dos mecanicos ;

TENENTE MAIA ;

TENENTE

MONTEIRO TORRES ;

ALFERES PORTELA

e

TENENTE

BARBOSA LEITE,

pilotos aviadores ;

a seguir,

os

mecanicos respectivos).

□ □ □



A Primeira missão de aviação que veio para França.

La première mission d'aviation venue en France.Um grupo de officiaes do Corpo Expedicionario Portuguez
Un groupe d'officiers du Corps Expéditionnaire Portugais

Comptoir General de Commission

PARIS - 222, Boulevard Saint-Germain - PARIS

CASA DE CONFIANÇA

□ □ □

PEÇAM-SE CONDIÇÕES

Encarrega-se de toda a especie de compras e vendas na Europa, mediante uma commissão modica. A sua Clientela, já numerosa e escolhida, augmenta de dia para dia pela diligencia e honradez com que é servida.

TYPOGRAPHIA ARTISTICA "LUX"

TRABALHOS ESMERADISSIMOS DE GRANDE LUXO

----- IMPRESSÃO DE TRICHROMIA -----
ESTA CASA RECEBE NUMEROSAS ENCOMENDAS DA EUROPA E DA AMERICA LATINA

REVISTAS, LIVROS, CATALOGOS E ESTAMPAS

----- COMPÔE EM TODAS AS LINGUAS -----
ENVIAM-SE ORÇAMENTOS A QUEM OS PEDIR

131, Boul. St. Michel, PARIS

Casa Editorial Franco-Ibero-Americana

222, Boulevard Saint-Germain - PARIS

Esta casa é vantajosamente conhecida pela esmerada apresentação das suas obras, tanto sob o ponto de vista litterario como artistico e typographico

SECÇÃO PORTUGUEZA

SERIE HISTORICA ILLUSTRADA

Napoleão intimo
Napoleão Imperador
Napoleão na península Iberica
Napoleão pelo seu creado particular

A morte de Napoleão
Memorias secretas da Corte da Russia
Elba e os cem dias
Napoleão em Santa Helena

A queda da Aguia
De moço de cozinha a Comendador
A Corte de Luiz Quinze
Maria Luiza Intima

Brochadas, 2 fr. ; encadernação flexivel, 3 fr.

Os Grandes Mestres da Litteratura

SCENAS DA VIDA BOHEMIA
Henri MURGER

O DISCIPULO
Paul BOURGET

WILHELM MEISTER, GÖTTE

Brochados, 3.50 ; encadernação flexivel, 4.50

AUTORES ESCOLHIDOS

A Cidade dos Suicidas
por MUÑOZ ESCAMEZ

O Deserto

por Pierre LOTI

Brochados, 2 fr. ; encadernação flexivel, 3 fr.

A Exilada por Pierre LOTI

O Meu Irmão Yves por P. LOTI

Masjheiro por Pierre LOTI

Collecção de Romances Mysteriosos

O cadaver assassino | A mão errante | A carta sangrenta
O enigma do comboio nº 13 (2 tomos) | O automovel vermelho
O solar enfeitado (2 tomos) | A estrella de seis raios
O segredo do Dr. Ram Moraley

Preço, 1 fr.

Pequenas Historias para Creanças

O Autor da Muralha | Mania dos Bonecos
Ambição e Trabalho | Concilio das Flores | Cidade da Fortuna
Homen da Nariganga | Guerra de Ratazanas
Aventuras Maravilhosas de D. Pimpão

Preço, 0 fr. 10

Ernesto SENA, do Jornal do Comercio : Historia e Historias. — Brochado, 2 fr.

OS GRANDES PINTORES

OS VAN EYCK, TICIANO, LEONARDO VINCI, VAN DYCK, RUBENS, VELASQUEZ, MURILLO, RAPHAEL, BOTICELLI

Encadernados, 3 fr.

Cada volume publica a biographia dum grande mestre e oito reproducções em cores das suas principaes obras

ENVIA-SE O CATALOGO A QUEM O PEDIR

The Inter-Lube Chemical Company

CLEVELAND OHIO (U. S. A.)

Agencia Geral e Concessionarios para toda a Europa

41, B^d des Capucines, 41

PARIS

Téléphone : CENTRAL 74-40

⌘ ⌘ ⌘ ⌘

O

“INTER-LUBE”

(Marca registada)

:: :: Recente Invenção americana :: ::

ECONOMISA A GAZOLINA E O PETROLEO

mistura-se na gazolina diminuindo de 30 0/0 o seu consumo

ASSEGURA UMA LUBRIFICAÇÃO

COMPLETA AO MOTOR ECONOMISANDO 30 0/0 D'OLEO

ELIMINA A CALAMINE DOS CYLINDROS

E é tão inofensivo ao motor como a propria gazolina

São estes os resultados autenticos certificados pelo
Laboratoire d'Essais du Conservatoire National des Arts et Métiers
(Ministère du Commerce, de l'Industrie, des Postes et des Télégraphes)
FRANCE

..... Em organização : **Sociedade Portuguesa do INTER-LUBE**

PARA FABRICO E EXPORTAÇÃO